

# MISERICORDIOSOS COMO O PAI

## A Misericórdia na Tradição da Igreja

Pe. Michael Silberer, ORC.

### INTRODUÇÃO

O que é a Tradição da Igreja?

O nosso tema coloca a Misericórdia no contexto da Tradição da Igreja. O que é esta Tradição, em que consiste? Eis o que explica a Constituição dogmática sobre a Revelação divina *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II:

“O que foi transmitido pelos Apóstolos abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé, e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que ela crê” (DV 8,2).

A Tradição da Igreja, portanto, abrange a fé e a vida do Povo de Deus, Liturgia e santidade, tanto a doutrina como o ser e agir da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

O parágrafo seguinte apresenta esta Tradição como realidade *dinâmica*: “Esta Tradição, oriunda dos Apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Cresce, com efeito, a compreensão tanto das realidades como das palavras” (DV 8,3) pela contemplação, o estudo e a experiência espiritual dos fiéis, como pela pregação e o ensino do Magistério hierárquico.

Tal “compreensão” tem seu fundamento no senso sobrenatural da fé (*sensus fidei*) “que é despertado e sustentado pela ação do Espírito da Verdade” (cf. 1Jo 2,20-27). Ele não somente faz com que os fiéis penetrem mais profundamente com juízo acertado a Palavra de Deus, mas também *aplicam-na mais plenamente na vida* (cf. LG 12,1).

O texto conciliar acima citado diz que a Tradição progride “sob a assistência do Espírito Santo”. Ele é o Espírito da *Verdade* que recorda tudo que o Senhor Jesus fez e ensinou (cf. Jo 14,26), que conduz a Igreja em toda a verdade (cf. Jo 16,13). Ele é o *Amor* de Deus derramado em nossos corações (Rm 5,5), sendo a Misericórdia fruto desse Amor (cf. CIC 1829).

Esta palestra terá três partes ou capítulos:

1º) Considerando o 3º Ano do Triênio jubilar da nossa Diocese com o tema “Espírito Santo e a Missão” vamos relacionar, primeiro, a Misericórdia com o Espírito Santo que é a alma da Igreja e o “motor” da Tradição viva – prevalece o aspecto doutrinal .

2º) Depois olhamos para a Misericórdia na missão e na vida da Igreja desde os primórdios, principalmente na diaconia da caridade (obras da misericórdia).

3º) Finalmente, refletimos sobre a mensagem da parábola do filho pródigo para a vida cristã e o nosso ministério pastoral.

## **1. O Espírito Santo manifesta e personifica a Misericórdia divina**

A Igreja invoca a terceira Pessoa da Santíssima Trindade -

- como Espírito Criador (*Veni, Creator Spiritus*; cf. Gn 1,2);

- como Doador de vida (*Dominum et Vivificantem*: Credo niceno-constantinopolitano).

- como “Fonte de todo bem” (cf. CIC 251),

O Pai dará o Espírito Santo aos que Lhe pedirem (Lc 11,9; cf. Mt 7,11: coisas boas).

### *1.1. A Misericórdia é a raiz de todas as obras de Deus*

Já antes de a criatura humana cair no pecado e na miséria espiritual e corporal, os caminhos de Deus são “misericórdia e verdade” (cf. Sl 25,10), a começar com a criação do universo. Deus “não pode realizar algo que não esteja de acordo com Sua Sabedoria e Sua Bondade; isto é, do modo como... algo é devido a Deus. Assim, também tudo que realiza nas criaturas, o faz sempre segundo a ordem e a medida convenientes; nisso consiste a razão de *justiça*...

A obra da justiça divina pressupõe sempre uma obra de misericórdia e se funda sobre ela. Pois nada é devido à criatura, a não ser em razão de algo preexistente ou pressuposto... Não podendo remontar até o infinito, deve-se chegar a algo que depende da única bondade da vontade divina... Assim, *em toda a obra de Deus aparece, como sua raiz primeira, a misericórdia*” (S. Tomás, *Suma teol.* I, q. 21, a. 4).

No primeiro Manuscrito da *História de uma alma*, Santa Teresinha escreve:

“A mim, Deus deu-me a Sua *misericórdia infinita* e é *através dela* que contemplo e adoro *as outras perfeições divinas!* É então que todas me parecem irradiantes de amor, até a sua justiça (e até talvez mais do que qualquer outra) me parece revestida de amor. Que doce alegria pensar que o Bom Deus é Justo, isto é, que tem em atenção as nossas debilidades e que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa natureza. Portanto, de que posso ter medo?” (*Ms A*, 83v-84v, apud: *Santos*, 20).

Assim, a razão teológica do Mestre de teologia e a “experiência espiritual” (cf. DV 8) da doutora da Igreja convergem. O Padre Antonio Sicari comenta “que os teólogos devem, cedo ou tarde, descobrir que o ato da criação é o primeiro ato divino de misericórdia” (*Santos*, 23). O que hoje é para descobrir, já está presente no raciocínio teológico de Santo Tomás que chegou à conclusão de que “em toda a obra de Deus aparece, como sua raiz primeira, a misericórdia”.

Deus é Amor (cf. 1Jo 4,8.16), e o Espírito Santo é este Amor personificado, derramado em nossos corações como Dom totalmente gratuito; assim o Espírito Santo é como que a Misericórdia de Deus em Pessoa. Isso é mais evidente quando se trata da Misericórdia de Deus para com os pecadores que atua e se revela na História da salvação:

O divino Redentor é concebido pelo poder do Espírito Santo (cf. Lc 1,35).

Sobre Ele repousa o Espírito do Senhor, quando, na sinagoga de Nazaré, proclama um Ano de misericórdia do Senhor (cf. Lc 4,16-21; *MisV*, 16).

Ele expulsa os demônios “pelo Dedo de Deus” (Lc 11,20) e cura os doentes pela força (*dýnamis*) do Espírito Santo (cf. Lc 4,36; 5,17; 6,19 e 24,49).

Finalmente oferece Sua vida a Seu Pai pelo Espírito Santo (CIC 614; cf. Hb 8,14).

Não é por acaso que o terceiro Evangelho sinótico, o de S. Lucas, fala mais frequentemente tanto da Misericórdia divina como da presença e ação do Espírito Santo.

## 1.2. *Mistério trinitário da Misericórdia divina*

Na encíclica *Dominum et Vivificantem*, o papa S. João Paulo II penetrou no mistério trinitário da Misericórdia divina. O Espírito Santo, “é o Amor do Pai e do Filho; e, como tal, é Dom trinitário e a eterna fonte de toda a dádiva divina às criaturas. Nele, precisamente, nós podemos conceber como que personificada e atuada de uma maneira transcendente a virtude da misericórdia... Em Deus, o Espírito que é Amor faz

com que a consideração do pecado humano se traduza em novas dádivas do amor salvífico. Dele, na unidade com o Pai e o Filho, nasce a Economia da salvação. Se o pecado, rejeitando o amor, gerou o sofrimento do homem que, de algum modo, se estendeu a toda a criação (cf. Rm 8,20-22), o Espírito Santo entrará no sofrimento humano e cósmico com *uma nova efusão de amor, que redimirá o mundo*” (DomV, 39,3).

O papa explica a palavra do Senhor a respeito da missão do Paráclito a partir de Pentecostes: “Quando Ele vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao julgamento” (Jo 16,8):

“O 'convencer quanto ao pecado', portanto, não deveria significar também revelar o sofrimento, revelar a dor, inconcebível e inexprimível, que, por causa do pecado, o Livro Sagrado, na sua visão antropomórfica, parece entrever nas 'profundezas de Deus' e, em certo sentido, no próprio coração da inefável Trindade?

A Igreja... crê e professa que o pecado é ofensa a Deus. O que é que, na imperscrutável intimidade do Pai, do Verbo e do Espírito Santo, corresponde a esta 'ofensa', a esta recusa do Espírito que é Amor e Dom? A concepção de Deus, como ser necessariamente perfeitíssimo, exclui, por certo, em Deus, qualquer espécie de sofrimento, derivante de carências ou feridas; mas, 'nas profundezas de Deus' há um amor de Pai que, diante do pecado do homem, reage, segundo a linguagem bíblica, até ao ponto de dizer: 'Estou arrependido de ter criado o homem' (Gn 6,7)...

Mas o Livro Sagrado, mais frequentemente, fala-nos de um Pai que experimenta compaixão pelo homem, como que compartilhando a sua dor. Esta imperscrutável e indizível 'dor' de Pai, em definitivo, gerará sobretudo a admirável Economia do amor redentor em Jesus Cristo, para que através do 'mistério da piedade', o amor possa revelar-se mais forte do que o pecado, na história do homem. Para que prevaleça o 'Dom!'” (DomV, 39,2).

A Economia de salvação culmina na Morte e Ressureição do Senhor Jesus Cristo. Ele, o Filho do Deus Vivo, cumprindo a vontade do Pai e ajudado pelo Espírito Santo (*Spirito Sancto cooperante*), pela Sua Morte deu a vida ao mundo (cf. Oração do celebrante antes da S. Comunhão). Ou, como diz a carta aos Hebreus: “Em virtude do Espírito Eterno, Cristo Se ofereceu a Si mesmo a Deus como Vítima sem mancha” (Hb 9,14). Qual é o papel do Espírito Santo neste Sacrifício Único, que “realiza e supera todos os sacrifícios”, dom do Pai “que entrega Seu Filho para reconciliar-nos consigo” (CIC 614)?

“O Espírito Santo como Amor e Dom desce, em certo sentido, ao próprio coração do Sacrifício que é oferecido na Cruz... Ele consoma este Sacrifício como o fogo do Amor, que une o Filho ao Pai na comunhão trinitária. E dado que o Sacrifício da Cruz é um ato próprio de Cristo, também neste Sacrifício Ele 'recebe' o Espírito Santo. E recebe-O de tal modo, que depois Ele mesmo... O pode 'dar' aos Apóstolos, à Igreja e à humanidade” (*DomV*, 41,2).

### 1.3. *Misericórdia e Onipotência de Deus*

No Símbolo da fé atribuímos a Deus Pai, antes de tudo, a Onipotência: “Creio em Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra...” Como o *Catecismo da Igreja Católica* explica, “Sua paternidade e Seu poder iluminam-se mutuamente. Com efeito, Ele *mostra Sua onipotência paternal* pela maneira como cuida das nossas necessidades [cf. Mt 6,32], pela adoção filial que nos outorga... (2Cor 6,18) e, finalmente, *por Sua misericórdia infinita*, pois mostra Seu poder no mais alto grau, perdoando livremente os pecados” (CIC 270).

O poder de Deus é, portanto, infinito, “nada Lhe é impossível [cf. Lc 1,37], e Ele dispõe à vontade de Sua obra” (CIC 269). Mas Sua onipotência de modo algum é arbitrária, sendo ao mesmo tempo infinitamente justa, sábia, inteligente (cf. CIC 271). A Liturgia (romana) – testemunha privilegiada da sagrada Tradição – afirma: “Ó Deus, que manifestais o Vosso poder sobre tudo na misericórdia (*Deus, qui omnipotentiam Tuam tam parcendo maxime et miserando manifestas*)” (Coleta do 26º Domingo do Tempo comum; cf. CIC 277). Citando esse texto, o papa Francisco explica que “Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que... é próximo, providente, santo e misericordioso”. A misericórdia divina não é, “de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes *a qualidade da Onipotência de Deus*” (*MisV*, 6,1).

No trecho citado da *Suma teológica* de Santo Tomás – em vez de II-II, q. 30, a. 4 (indicado na nota a rodapé) precisa ler: I, q. 25, a. 3, ad 3<sup>m</sup> – o doutor angélico oferece três razões porque a Onipotência divina se manifesta sobretudo perdoando e praticando a misericórdia:

1º “porque, por essas ações, se mostra que Deus tem o supremo poder: Ele perdoa livremente os pecados”, não estando ligado à lei de um superior;

2º porque, “perdoando os homens e praticando a misericórdia, Deus os conduz à participação do Bem infinito, que é o efeito supremo do poder divino”;

3º “porque, como foi dito antes [I, q. 21, a. 4], o efeito da Misericórdia divina é o fundamento de todas as obras divinas, pois nada a ninguém é devido a não ser em razão daquilo que lhe foi dado gratuitamente por Deus. Ora, a onipotência divina se manifesta sobretudo em que a ela pertence a primeira instituição de todos os bens” (*Suma teológica* I, q. 25, a. 3, ad 3<sup>m</sup>).

Santo Tomás considera a misericórdia divina no seu “efeito”, ao passo que o aspecto afetivo de “compaixão”, por assim dizer, seria apenas uma metáfora (cf. *Suma teol.* I, q. 21, a. 3). No entanto, a Tradição da Igreja Católica é mais rica do que a doutrina de um ou outro doutor em teologia, mesmo se doutor da Igreja.

A misericórdia divina, no sentido de *compaixão*, é afirmada, e de modo surpreendente por Orígenes, este gênio da escola de Alexandria. Sem prejuízo da absoluta “impassibilidade” (e imutabilidade) de Deus, claramente afirmada por ele, Orígenes escreve nas *Homilias sobre Ezequiel*: “Nem sequer o Pai é impassível. Se Lhe rezamos, *sente piedade e misericórdia, sofre de amor* e identifica-se nos sentimentos que não poderia ter, dada a grandeza da Sua natureza, e por nossa causa suporta os sofrimentos do homem” (*Hom. in Ez.* VI 6,119, apud: *Padres*, 14s).

Igualmente, o Filho de Deus encarnou-Se por misericórdia: “O homem foi feito à semelhança da imagem d'Ele, e por isso o nosso Salvador, que é a Imagem de Deus, *movido pela misericórdia* para com o homem, que fora feito semelhante a Ele, vendo que... se revestia com a imagem do maligno..., assumindo a imagem do homem, veio junto dele” (*Hom. in Gen.* I 13,54s, apud: *Padres*, 14).

Todas as paixões e afetos que se atribuem a Deus na S. Escritura, devem-se entender como afetos de Seu amor: *Deus caritas est* (1Jo 4,8.16). O papa Bento XVI, na sua primeira encíclica não hesitou de falar do Amor “apaixonado” de Deus para com a criatura humana (cf. Nathanel Thanner ORC, *Deus - “um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor”* (Bento XVI), em: *Sapientia Crucis* 10/2009, pp. 33-91; esp. 39-64).

Neste mesmo sentido, a misericórdia de Deus pode e deve-se entender, na sua origem divina, como verdadeira “com-paixão”. E quanto ao “efeito”, escreve o papa Francisco: “Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado” (*MisV*, 3,2).

#### 1.4. A Misericórdia divina nos Sacramentos

O Espírito Santo é invocado pela Igreja – na Sequência da Solenidade de Pentecostes:

“Vinde, Pai dos pobres...

Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio, vinde!

No labor descanso, na aflição remanso, no calor aragem...

Ao sujo lavai, ao seco regai, curai o doente.

Dobrai o que é duro, guiai no escuro, o frio aquecei ”.

“Assim como o fogo transforma nele mesmo tudo o que toca, o Espírito Santo transforma em vida divina tudo o que é submetido a Seu poder” (CIC 1127; cf. CIC 696: o fogo como símbolo do Espírito Santo). Isso acontece em cada um dos sete sacramentos. Porque a graça sacramental “é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e peculiar a cada sacramento. O Espírito Santo *cura* e transforma os que O recebem” (CIC 1129). Mencionamos apenas dois Sacramentos.

O santo Batismo, fundamento de toda a vida cristã e porta da vida no Espírito (cf. CIC 1213) proporciona, principalmente “a purificação dos pecados e o novo nascimento no Espírito Santo” (CIC 1262). “A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, a graça da justificação” (CIC 1266). Ora, a justificação “é a obra mais excelente do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus e concedido pelo Espírito Santo” (CIC 1994; cf. 1987ss). Santo Agostinho acha “que a justificação dos pecadores é uma obra maior que a criação dos anjos na justiça, pelo fato de testemunhar *uma misericórdia maior*” (CIC 1294).

O primeiro dom do Senhor ressuscitado aos Apóstolos, é este: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados...” (Jo 20,22s). Desde então, “a Igreja nos concede a misericórdia de Deus, que triunfa sobre todos os nossos pecados e age de modo especial no sacramento da Reconciliação” (CIC 2040; cf. 1468-1470). O Espírito Santo atua não somente no ministro que perdoa na pessoa de Cristo, mas igualmente no pecador arrependido que recebe esse perdão divino. O Espírito Santo é, Ele mesmo, a remissão dos nossos pecados (Liturgia Romana).

## 2. A Misericórdia na missão e na vida da Igreja

O Espírito Santo é princípio e motor da missão da Igreja, como resulta das palavras do Senhor Ressuscitado: “Como o Pai Me enviou também Eu vos envio” (Jo

20,21). “Eu enviarei sobre vós o que o Pai prometeu. Por, isso, permaneçei na cidade até que sejais revestidos da força do alto” (Lc 24,49), que é o Espírito Santo (cf. At 1,4-8). No Evangelho de S. Lucas, que desde o início sublinha a presença e ação do Espírito Santo, a missão da Igreja é assim caracterizada:

“Assim está escrito: Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia, e no Seu Nome será anunciada a conversão, para o perdão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas” (Lc 24,46-48).

Quem transmite estas palavras do Senhor é o mesmo Evangelista que nos deixou a “trilogia da Misericórdia”, a saber, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), a ovelha e a moeda perdidas e reencontradas (Lc 15,1-10), a parábola do filho perdido e reencontrado (Lc 15,11-32). E a todos os discípulos, a nova justiça do Evangelho, a perfeição cristã (cf. Mt 5,48), é proposta nesses termos: “Sede misericordiosos como vosso Pai é Misericordioso” (Lc 6,36).

### 2.1. *A novidade da Misericórdia evangélica*

O amor para com os inimigos era uma novidade para os *judeus* que tinham aprendido: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo” (Mt 5,43). A misericórdia cristã era, igualmente, uma novidade para os *pagãos*. Os sábios daquela época consideravam a compaixão e misericórdia como uma fraqueza. A corrente dominante do Estoicismo considerava a misericórdia até como uma doença (*aegritudo animi*). A emoção produzida pela compaixão era inconciliável com o ideal da imperturbabilidade (*ataraxia*; cf. *Padres*, 13).

O filósofo romano, Sêneca (1-65 d.C.) podia escrever:

“O sábio poderá consolar aqueles que choram, mas *sem chorar com eles*; socorrerá o naufrago, dará hospitalidade ao proscrito e esmolas ao pobre... salvará o cativo da arena e até mesmo enterrará o criminoso – mas *em toda a sua mente* e no seu semblante *estará igualmente imperturbável*. Não sentirá compaixão. Socorrerá e fará o bem porque nasceu para assistir os seus semelhantes, para trabalhar pelo bem-estar da humanidade e para dar a cada um a sua parte... O seu rosto e a sua alma *não denunciarão nenhuma emoção* quando olhar para o aleijado, o esfarrapado, o encurvado e o mendigo esquelético e macilento. Mas ajudará aqueles que merecem e, como os deuses, será propício ao infeliz... *Só os olhos doentes* se umedecem ao verem lágrimas em outros olhos” (*Apud Woods*, 161s).



Que contraste com o comportamento do Filho de Deus, que chorou a morte de Lázaro, interiormente comovido (cf. Jo 11,33.35.38);

que chorou sobre a Sua cidade Jerusalém (cf. Lc 19,41) por ter resistido a Seu amor:

“Quantas vezes Eu quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste” (Mt 23,37; Lc 13,34);

que ficou interiormente perturbado por causa de Judas, o traidor (cf. Jo 13,21);

que sentiu pavor e angústia no Getsêmani (cf. Mc 14,33s; Hb 5,7).

O apóstolo exorta os cristãos: “Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram” (Rm 12,15).

Nos tempos modernos, outras mentalidades, opõem-se à misericórdia, como aquela mencionada por S. João Paulo II:

“A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, *tende a separar da vida e tirar do coração humano a própria idéia da misericórdia*. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou. Um tal domínio sobre a terra... parece não deixar espaço para a misericórdia” (Encíclica *Dives in misericordia*, 2).

Qual é a missão da Igreja, hoje em dia? Escutamos o papa Francisco:

“A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia” (*MisV*, 10).

## 2.2. *Misericórdia corporal na Igreja primitiva*

O nosso tema é: *A Misericórdia na Tradição da Igreja*. A Tradição começa com os apóstolos a partir de Pentecostes. A misericórdia era presente na vida da Igreja desde o início, a partir da efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Assim S. Lucas caracteriza a vida da Igreja primitiva em Jerusalém: “Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,44s; cf. 4,32-37).

Também essas obras de caridade eram fruto da ação do Espírito Santo. Uma prova disso (embora indireta e negativa) é que a maneira como Simão Pedro qualificou a fraude de Ananias e Safira: “Ananias, porque encheu Satanás o teu coração *para mentires ao Espírito Santo*, retendo parte do preço do terreno?” (At 5,3). Dirigindo-se a Safira, dizia: “Porque vos pusestes de acordo *para tentar o Espírito do Senhor?*” (At 5,9).

A “diaconia” de misericórdia em favor das viúvas deu ocasião à instituição dos primeiros diáconos (cf. At 6,1-6; DCE 21).

De Jerusalém, a prática da caridade irradiou para as demais Igreja locais:

Em *Antioquia*, o profeta Ágabo anunciou “uma grande fome por toda a terra – como de fato aconteceu no tempo do imperador Cláudio. Os discípulos, então *decidiram*, cada um segundo suas possibilidades, *mandar uma ajuda para os irmãos que viviam na Judeia*. Assim foi feito. E enviaram a ajuda aos anciãos, por meio de Barnabé e Saulo” (At 11,28-30).

Quando Tiago, Cefas e João reconheceram a missão de Paulo e Barnabé para o apostolado entre os pagãos, pediam-lhes de se lembrar dos pobres (cf. Gl 2,9-10). S. Paulo cumpriu esse compromisso pessoalmente: “Vim trazer esmolas para o meu povo” em Jerusalém (At 24,17; cf. Rm 15,25) – e de maneira bem organizada. Aos *Coríntios* escreve: “Quanto à coleta em favor dos santos, segui vós as normas que tracei para as igrejas de Galácia. Todo primeiro dia da semana, cada qual separe livremente o que tenha conseguido economizar...” (1Cor 16,1-4). Do mesmo tema da caridade ou solidariedade tratam dois capítulos da segunda carta aos Coríntios (2Cor 8-9), motivando a coleta pelos pobres em Jerusalém.

### 2.3. *A prática da misericórdia no tempo patrístico*

A prática da misericórdia progrediu, alargando-se cada vez mais nos séculos posteriores.

A expressão de S. Inácio de Antioquia – no início do séc. II – que a Igreja de Roma “presidia à caridade”, não somente significa a centralidade da comunhão eclesial, mas tem uma dimensão caritativa (cf. DCE 22). A Igreja de Roma não limitou a sua ação caritativa ao âmbito de seu território e à assistência a cristãos romanos que viviam longe da sua comunidade.

O bispo Dionísio de Corinto escrevia ao papa Sotero (166-175):

“Desde o início vós tendes o bonito hábito de *beneficiar todos os irmãos*, de *enviar ajudas a numerosas Igrejas* constituídas em cada cidade. É assim que aliviáis os necessitados, mediante as vossas ajudas, que já desde os primeiríssimos tempos continuais a enviar, e socorreis com o necessário os irmãos que desfalecem nas minas. Sois romanos e guardais zelosamente as tradições dos vossos avós, os romanos” (*Padres*, 24).

Entre os numerosos testemunhos de outras províncias do Império Romano é aquele deixado pelo bispo Dionísio de Alexandria (190-265): um louvor ao papa Estêvão (254-257) que, em nome da Igreja da urbe, enviava regularmente ajudas e socorros às Igrejas da Síria e da Arábia.

Ao cuidado dos bispos e das comunidades cristãs no tempo dos Padres, estavam obras como: a ajuda aos cristãos presos ou condenados nos primeiros séculos, depois em favor dos encarcerados em geral; o resgate de prostitutas e de prisioneiros; o socorro às vítimas da usura; a sepultura para todos; o cuidado das viúvas e dos órfãos, como também dos enfermos (cf. *Padres*, 25s).

Durante a peste que atingiu Cartago e Alexandria no século III, os cristãos ganharam a admiração de todos pela coragem com que consolavam os moribundos e enterravam os mortos, enquanto os pagãos abandonavam até mesmo os amigos à sua terrível sorte (cf. Woods, 164).

S. Pacômio (290-346), quando era ainda um soldado romano pagão, observava “como muitos dos seus companheiros romanos ofereciam comida e assistência aos que precisavam de ajuda, socorrendo-os sem qualquer discriminação”. Tendo descoberto que eram cristãos, admirou-se: “Que tipo de religião era aquela... que podia inspirar tais atos de generosidade e humanidade? Começou a instruir-se na fé e, antes de o perceber, já estava no caminho da conversão” (Woods, 159). S. Pacômio foi fundador da vida cenobítica no Egito. A esse respeito, o papa Bento XVI lembrou:

“Em meados do século IV ganha forma no Egito a chamada *diaconia* que é, nos diversos mosteiros, a instituição das atividades assistenciais pelo serviço precisamente da caridade. A partir desses inícios, desenvolve-se, até o século VI, no Egito, uma corporação com plena capacidade jurídica, à qual as autoridades civis confiam, mesmo, uma parte do trigo para a distribuição pública. No Egito, não só cada mosteiro, mas também cada diocese acabou por ter a sua diaconia” (DCE, 23).

Os Padres da Igreja enriqueceram a Igreja não somente por seu ensinamento mas, também, dedicaram-se pessoalmente ao serviço dos pobres e necessitados:

*Santo Efrem* (306-373), diácono de doutor da Igreja, viveu como eremita nos arredores de Edessa. Quando a fome e a peste se abateram sobre a cidade, coordenou a coleta e distribuição de esmolas, fundou hospitais, cuidando dos doentes e dos mortos.

*São Basílio Magno* (329-379), coluna da Ortodoxia no seu tempo, era ao mesmo tempo tido apóstolo das esmolas. Ele fundou um hospital em Cesareia. Era conhecido por abraçar os leprosos miseráveis que ali buscavam alívio.

*São João Crisóstomo* (349-407) fundou uma série de hospitais em Constantinopla.

*Santo Agostinho* (354-430) fundou um albergue para peregrinos e escravos em fuga e distribuiu roupas entre os pobres.

Assim, a partir do séc. IV, a Igreja começou a patrocinar a fundação de hospitais em larga escala, em quase todas as principais cidades. Na sua origem, esses hospitais tinham por fim “hospedar” estrangeiros, mas depois passavam a cuidar dos doentes, viúvas, órfãos e pobres em geral. (cf. Woods, 164-167)

*Fabiola*, viúva rica, fundou o primeiro grande hospital público em Roma; percorria as ruas em busca de homens e mulheres pobres e enfermos necessitados de cuidados (Woods, 166).

A partir do séc. IX, cada paróquia (no Ocidente) tinha organizado o auxílio aos pobres e possuía um registro dos que recebiam ajuda; tudo era subsidiado pela quarta parte dos dízimos e metade das doações feitas à paróquia (cf. Aquino, 238).

#### 2.4. *A prática da misericórdia a partir da Idade Média*

“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). O novo mandamento da caridade – amai-vos uns aos outros como Eu vos amei (Jo 13,34) – encontrou inúmeras expressões na Tradição e vida da Igreja, a começar com o diácono e protomártir S. Estêvão que, morrendo, rezou por seus assassinos (cf. At 7,30).

No 2º milênio podemos mencionar os Trinitários (fundados em 1198), os Mercedários (fundados em 1223). Estas Ordens foram fundadas para “resgatar” cristãos cativos e escravos nos países muçulmanos. Os membros religiosos ofereciam-se para substituí-los, correndo risco de morte. As duas Ordens mencionadas, desde a sua fundação até a Revolução francesa (1789) libertaram mais de 600.000 cativos (cf. Aquino, 240).

Em contexto diferente podemos mencionar o empenho de S. José de Anchieta e o Pe. Manuel da Nóbrega, em 1563, durante a revolta dos Tamoios. Conscientes do perigo para a sua vida, iam ao encontro deles – ficando entre eles durante meses – sem qualquer proteção militar, para obter a paz.

Entre as multiformes obras de misericórdia para aliviar as misérias espirituais e corporais indicamos apenas algumas áreas e iniciativas:

- Já no primeiro milênio cristão a Igreja começou com a educação gratuita da juventude, dos pobres até o ensino superior.

- A Igreja era protagonista no cuidado dos doentes de todo tipo, inclusive doentes mentais, e na promoção de terapias adequadas. Hoje, S. João de Deus e S. Camilo de Lellis são padroeiros dos doentes, hospitais e profissionais da área de saúde. Em tempos mais recentes, por iniciativa de São Pio de Pietrelcina foi também construída a *Casa di Sollievo delle Sofferenze* com as mais avançadas tecnologias, terapias e seções de pesquisas.

- Mencionamos ainda as Missionárias da caridade da Beata Teresa de Calcutá, que será canonizada ainda durante este Ano da Misericórdia (4 de setembro), e a grande obra de caridade desenvolvida pela Beata Irmã Dulce no Brasil.

Estes são apenas uns exemplos de tantas e mais variadas iniciativas pessoais e institucionais. Os institutos religiosos atuam em nome de Igreja pela qual foram aprovados. Por isso, o seu carisma fundacional, suscitado pelo Espírito Santo, pertence à Tradição da Igreja.

### **3. A mensagem da parábola do filho pródigo**

Agora voltamos ao Evangelho (segundo S. Lucas), meditando sobre a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). Começamos com a exegese de S. Agostinho – eminente testemunha da Tradição da Igreja universal – que merece atenção por abrir os horizontes universais da Misericórdia de Deus que abrange a inteira história do gênero humano desde os primeiros pais no paraíso. A parábola é de suma atualidade neste Ano da Misericórdia. Ela contém uma mensagem tanto para os pecadores – que somos todos nós – como também para o nosso ministério sacerdotal-pastoral.

### 3.1. *A interpretação de S. Agostinho*

A Parábola é bem conhecida, e um pouco longa para ser referida aqui. Apresentamos logo a exegese de S. Agostinho com referência a alguns trechos do texto:

“O homem que tem dois filhos é **Deus** que tem dois povos: o filho mais velho é o povo dos judeus, o mais novo é o povo dos pagãos.

As substâncias recebidas por parte do Pai são a alma, a inteligência, a memória, o engenho e todas as faculdades que Deus nos deu para O conhecer e adorar.

Tendo recebido este patrimônio, o filho mais novo *viajou para um lugar distante*, ou seja, passou a esquecer-se do seu Criador... Compreendeu finalmente a que condição ficou reduzido, o que tinha perdido, quem tinha ofendido e em poder de quem se sujeitara e voltou a si mesmo; primeiro voltou a si mesmo e depois voltou para o Pai... Levanta-se e regressa...

O Pai vê-o ao longe e vai ao encontro dele... Oh, como está próximo o perdão de Deus a quem se confessa pecador! Deus de fato não está longe daqueles que têm o coração contrito... *Estando longe ainda* - diz o Evangelho -, *o Pai, cheio de misericórdia, correu ao seu encontro*. Porque se moveu de misericórdia? Porque o filho estava já esgotado pela miséria.

*Correu ao encontro dele e lançou-se-lhe ao pescoço*, lançou-lhe o braço ao pescoço. O braço do Pai é o **Filho**; deu-lhe a possibilidade de levar Cristo: este peso não oprime, mas eleva. *O meu jugo* – disse Cristo – *é leve e o Meu peso suave*... Pelo fato de o Pai se lançar ao pescoço do filho, ele levantou-o, não o oprimiu; honrou-o, não o onerou. De que modo, porém, o homem é capaz de levar Deus, senão porque é Deus que o leva quando é elevado?

O Pai ordena que tragam a melhor veste *que Adão tinha perdido*, pecando. Depois de já ter acolhido o filho pelo perdão e depois de o ter beijado, ordena que lhe tragam a veste, ou seja, a esperança da imortalidade mediante o Batismo. Ordena que lhe ponham o anel, isto é, o penhor do **Espírito Santo** e as sandálias nos pés para a prontidão de anunciar a mensagem evangélica da paz [cf. Ef 6,15]...

E é o que Deus faz através dos Seus servos, isto é, dos ministros da Igreja. Será que dão a veste, o anel e as sandálias da sua propriedade? Estes apenas devem desempenhar um serviço, realizar um dever; aqueles bens dá-os Aquele de cujo seio misterioso e de cujo tesouro saem...” (*Sermão* 112, apud: *Padres*, 63-65).

### 3.2. *O dinamismo da conversão no penitente*

S. Agostinho menciona o sacramento do Batismo. A mesma parábola ilumina também o que se passa no sacramento da Reconciliação. No “filho pródigo”, neste caso é o penitente, a preparação para receber o sacramento é, ela mesma, dom do Espírito Santo (cf. CIC 1098). Como Espírito da Verdade, revela-lhe o pecado e, como Consolador, “dá ao coração do homem a graça do arrependimento e da conversão” (CIC 1433). Porque “a iniciativa divina na obra da graça precede, prepara e suscita a livre resposta do homem” (CIC 2022; cf. 2018).

Eis como o *Catecismo da Igreja Católica* explica o caminho do filho pródigo que, em certo sentido, pode iluminar qualquer caminho de conversão a que todos os cristãos são chamados (cf. CIC 1430-1433):

“*O dinamismo da conversão e da penitência* foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do 'filho pródigo', cujo centro é o Pai misericordioso:

o fascínio de uma liberdade ilusória, o abandono da casa paterna;

a extrema miséria em que se encontra o filho depois de esbanjar sua fortuna;

a profunda humilhação de ver-se obrigado a cuidar dos porcos e, pior ainda, de querer matar a fome com a sua ração;

a reflexão sobre os bens perdidos;

o arrependimento e a decisão de declarar-se culpado diante do Pai;

a alegria do Pai: tudo isso são traços específicos do processo da conversão.

A bela túnica, o anel e o banquete da festa são símbolos desta nova vida pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta a Deus e ao seio de sua família que é a Igreja.

Só o Coração de Cristo que conhece as profundezas do amor do Pai pôde revelar-nos o abismo de Sua misericórdia de uma maneira tão simples e tão bela” (CIC 1439).

### 3.3. *O ministério do confessor*

À luz da parábola explicada por S. Agostinho somos os servos do Pai. Mas ao mesmo tempo, Jesus Cristo nos deu o poder de perdoar os pecados em Seu Nome, *in persona Christi*. Assim, o ministro da Misericórdia de Deus por excelência é o sacerdote, o confessor.

A nós, caríssimos irmãos no sacerdócio, o papa Francisco, na Bula *Misericordiae vultus*, convida a sermos “um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai. Ser confessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por *nos fazer penitentes em busca do perdão*. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva. Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus.

Cada confessor deverá acolher os fiéis *como o Pai na parábola do filho pródigo*: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de ter dissipado os bens...

Não nos cansemos de ir também ao encontro do *outro filho* que ficou fora incapaz de se alegrar, para lhe explicar que o seu juízo severo é injusto e sem sentido diante da misericórdia do Pai que não tem limites.

Não hão de fazer perguntas impertinentes, mas como o Pai da parábola... saberão individuar, no coração de cada penitente, a invocação de ajuda e o pedido de perdão.

Em suma, os confessores são chamados a ser sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia” (*MisV*, 17,4; cf. CIC 1465).

O *Catecismo da Igreja Católica* pede do confessor uma obra de misericórdia ligada a este sacramento, a saber, “orar e fazer penitência por ele [pelo penitente]” (CIC 1466). Esta dimensão do nosso ministério viveu-a de maneira original São Leopoldo Mandic (1866-1942), humilde frade capuchinho. Ele passou durante bem 30 anos uns 10 a 15 horas por dia no confessionário. Acolhia a todos, confortando-os com a certeza da ilimitada misericórdia de Deus. Depois de ter perdoado os penitentes, dizia: “A penitência, cumpro-a eu!” (*Santos*, 31). E ele a cumpriu, passando no próprio coração “um contínuo e desconfortante temor do juízo de Deus, ainda que admitisse humildemente nunca ter cometido um pecado grave” (*Santos*, 30). Assim fazia companhia a Cristo agonizante no Horto e sobre a Cruz (cf. *Santos*, 31).

Assim podemos reconhecer-nos na parábola do Filho prodigo, ao mesmo tempo,

- na pessoa do filho que busca o perdão do Pai,
- e na pessoa do Pai, cheio de misericórdia para com o filho pecador.



Mas reconheçamo-nos também ministros do Bom Pastor que deu a própria vida pelas ovelhas, intercedendo pelos pecadores que O crucificaram: “Pai, perdoa-lhes! Não sabem o que fazem” (Lc 23,34; cf. CIC 598). Também nesta perspectiva somos, ao mesmo tempo, beneficiários do Sacrifício redentor, e convidados a unir-nos a ele – à imitação de Nossa Senhora, Mãe da divina Misericórdia e Mãe do Redentor, “associada mais intimamente do que qualquer outro ao mistério de Seu sofrimento redentor” (CIC 618).

### ABREVIações E REFERÊNCIAS

- CIC *Catecismo da Igreja Católica*. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim, São Paulo: Loyola 1999.
- DCE Papa Bento XVI, Encíclica *Deus caritas est* sobre o amor cristão, 25/12/2005.
- DomV S. João Paulo II, Encíclica *Dominum et Vivificantem ...*, 18/5/1986
- DV Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação divina
- LG Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja
- MisV Papa Francisco, Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia *Misericordiae vultus*, 11/4/2015.
- Padres Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização: *Os Padres da Igreja e a Misericórdia. Jubiléu da Misericórdia 2015-2016*, São Paulo: Paulus 2016.
- Santos Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização: *Os Santos e a Misericórdia. Jubiléu da Misericórdia 2015-2016*, São Paulo: Paulus 2016.
- Aquino Felipe Rinaldo Queiroz de Aquino. *Uma história que não é contada*, Lorena: Cléofas<sup>3</sup> 2008.
- Woods Thomas E. Woods Jr., *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*, tradução de Élcio Carillo, São Paulo: Quadrante <sup>3</sup>2010.